

Gisele de Menezes

*Uma Viagem no Tempo,
Uma Expedição no Espaço
Outra Índia, Outro Jesus*



*“Quando somos crianças,
estamos abertos ao novo e tudo é bem-vindo,
não julgamos o que nos acontece e
por isso não damos fim a nada.
Simplesmente seguimos.”*



LIVRE EXPRESSÃO
E D I T O R A

Realizando sonhos. Enriquecendo vidas.

Rio de Janeiro - 2011

Copyright © 2010 por Gisele de Menezes

Uma Viagem no Tempo, Uma Expedição no Espaço – Outra Índia, Outro Jesus
Gisele de Menezes

1ª Edição

1ª tiragem 1.000 exemplares – setembro de 2011

Coordenação Editorial: Jefferson Borges

Capa: Jefferson Borges

Diagramação: Eduardo Nascimento

Revisão final: Rafael Pieruccini

ISBN – 978-85-7984-049-4

CIP –(Cataloguing-in-Publication)– Brasil – Catalogação na Publicação
Ficha Catalográfica feita na editora

M912v Menezes, Gisele de, 1965
Uma Viagem no Tempo, Uma Expedição no Espaço – Outra Índia, Outro Jesus ; Gisele de Menezes ; – 1 ed. Rio de Janeiro : Livre Expressão , 2011.

216 p.: il.; 16 cm (broch.) ; fotos

ISBN 978-85-7984-049-4

1. Índia. 2. Jesus. 3. Viagem Geográfica.
4. Filosofia da Índia. 5. Religião da Índia.
6. Religiões. 7. Xamanismo. I. Título.

CDD 910.4	CDU 94 (540)
181.4	294
294	299
232	291612

Índice para catálogo sistemático

1. Índia - 94 (540) – 2. Jesus - 232 – 3. Viagem Geográfica - 910.4
4. Filosofia da Índia - 181.4 – 5. Religião da Índia - 294
6. Religiões - 299 – 7. Xamanismo 291612



São Paulo – Av. Paulista, 509, sala 1412, Jardim Paulista – São Paulo-SP – CEP 01311-910

Rio de Janeiro – Rua Evaristo da Veiga, 16, sala 608, Centro – Rio de Janeiro-RJ – CEP 21031-040

E-mail: sac@livreexpressao.com.br • www.livreexpressao.com.br

REG. 1209-2852



Sumário

Dedicatória	7
Prólogo	9
Agradecimento	13
Prefácio	15
Namastê	17
Notas da Autora	19
Apresentação	21
Introdução	27
Casa Leste	31
O Período e os Papéis se Definem	36
Destino de Viagem Traçado	38
Chegada em Delhi	39
Nova Delhi – Haridwar	42
Um Xamã da Sibéria em Casa	44
Uma Longa Conversa	49
Haridwar – Rishkesh	53
Entendendo os Medos	54
Rishkesh	55
O Encontro com Swami Atmananda – Ajatananda Ashram ...	57
Curso de Massagem na Índia	60
Mãe Índia	62
Compreendendo Shiva	63
Hora de Seguir Viagem	65
Saindo de Rishkesh	67
A Visita de Um Mestre	68
A Rodoviária de Chak Ban	69

Casa Norte	71
Um Tempo para Aprender a Meditar	74
Um Benefício da Meditação	75
Contemplando as Montanhas de Dharamshala	76
Entendendo uma Viagem Xamânica	77
Migalhas de Pão no Caminho – Despedida de Dharamshala	79
Uma Experiência Noite-a-Noite – Ágata me Conduz à Caverna	82
O Fim do Mundo Habitado – Manali	84
Sonho com o Caminho para o Kullu	87
Um Momento Especial da Viagem – o Vale do Kullu.....	88
Sincronicidades	92
A Magia do Corvo no Mundo dos Sonhos	95
Memorial Nicholas Roerich – Galeria de Arte	97
Sobre Nicholas Roerich.....	100
Descobertas no Mágico Vale do Kullu.....	102
A Casa	103
Urusvati – A Estrela da Manhã	104
Reencontrando Amigos.....	107
Começo a Escrever o Livro	108
Caminho Diferente – Lugar Conhecido.....	109
O Poder dos Símbolos	111
Mais Descobertas no Coração da Ásia	113
Seguindo o Mapa até o Túmulo de Jesus	115
Nas Florestas do Kullu	117
Realidade Invisível	118
Um Culto Pelas Irmãs no Templo de Shiva	120
Deixando o Kullu	121

Casa Oeste	123
Chegamos Salvos em Keylong.....	126
A Subida a um Solitário Gonpa	127
Respirando	130
Seguindo para Leh – Ladakh	132
Onde Estou?	133
Chegada em Leh	135
Uma Visita à Mesquita	139
Subindo a Seis Mil Metros	141
Um Retiro em Stock	145
Um Momento Muito Difícil	150
Deixando Leh e Talvez o Propósito	152
Lamayuru	154
Conhecimento – Poderes Mágicos	158
Kargil	160
Casa Sul	165
Srinagar	167
O Túmulo de Jesus Cristo.....	169
Contato com as Pegadas de Jesus	171
E Agora?	171
Considerações Finais	175
Apêndice	181
O Homem e a Mulher no Tempo	181
Pacto Roerich pela Paz	185
Reconhecimento	191
Referências Bibliográficas	193
Outras Publicações:	194
A Bandeira da Paz – Música.....	195
Fotos da Viagem	203



Prólogo

Quando trilhamos um caminho um pouco diferente do “normal”, começam a acontecer coisas diferentes, óbvio.

Em um belo dia, olho para a televisão e vejo-a como um trambolho dentro de nossa pequena casa. A casa que ocupávamos, meus filhos e eu, naquela época de grandes mudanças, mais parecia uma casinha de bonecas.

Situada na beira do mar de dentro da ilha de Florianópolis, foi nosso sagrado abrigo por um período importante. Era um momento de restrições financeiras e manter a televisão com uma imagem razoável acarretava em excessiva despesa. De qualquer forma, a televisão que tínhamos era herança de uma vida deixada para trás, onde a casa que habitamos era grande o suficiente para comportar uma daquele tamanho. Não tendo muita opção dentro de casa, desconectei o aparelho da tomada. Que alívio! Menos uma conta e um gasto de energia elétrica.

Naquela época achei que estes benefícios já seriam suficientes para manter o aparelho desligado por um Tempo. Sequer imaginava todas as dádivas que nos aguardavam um pouco além da telinha. Fizemos uma reunião, os pequenos moradores e eu, e avaliamos o momento como passageiro. Pensamos em opções para suprir qualquer carência vinda pela falta da televisão e, para minha surpresa, ela foi esquecida. Os meninos não demoraram a se envolver com skates, surf, livros, brincadeiras de rua, bate-papos e novos amigos. Esses, os amigos, não pararam mais de chegar. A casa estava sempre alegre e muitas histórias de experiências reais começaram a preencher nossas vidas.

Algumas vezes, sem amigos e sem histórias, tivemos a oportunidade de apreciar o silêncio e fomos desenvolvendo nossas individuais potencialidades que, com o saudável Espaço proporcionado pela nova atitude, a floravam criativamente.

A cozinha também passou a ser um grande laboratório de vida, atraindo muitos amigos que partilhavam seus conhecimentos e suas abundâncias. Nada demorou e estávamos enveredando pelos saborosos, coloridos e vivos caminhos do mundo vegetariano. No início emagrecemos um pouco, mas nos sentimos melhor. Passamos a gostar de nossa nova forma e percebemos que apesar de sermos alvo de brincadeiras e rejeições, também atraímos cada vez mais amigos em comum.

Em muito pouco Tempo, não tínhamos ninguém dentro de nossa casa a nos dizer o que precisávamos comprar para sermos melhores, o que vestir para sermos aceitos, o que fazer para sermos iguais e a nos assustar com previsões de violência, epidemias, terrorismos, doenças incuráveis, novas síndromes acompanhadas de drogas necessárias, dramas familiares, traições e estímulos à perversão sexual. Estávamos livres da mesmice e por conta de nossos corações! Aos poucos não mais fomos vistos em grandes centros de compras e sequer sabíamos das “novidades”. Nossas ansiedades se diluíram em sucos naturais de frutas da estação.

Em nossos corações, agora sonoros e percebidos com respeito, encontramos Paz, Compaixão e Harmonia. Cada momento de nossas vidas passou a ser valioso e incomparável. Aprendemos a escutar e valorizar o que o outro tem a dizer e também nos demos conta de que as pessoas que não se escutam, repetem seus padrões como se fossem discos arranhados. Nossa vida ficou totalmente nova a cada momento e uma sensação de êxtase foi tomando conta das nossas manhãs. Aprendemos a tomar as coisas como elas são e a percebermos que o Tempo é muito intenso e o dia muito longo. Com o passar dos anos, percebemos que as notícias e os acontecimentos andam como ondas. Aprendemos a olhar isso e não mais sermos levados por elas, assim, vimos que as ondas se desfazem

logo adiante, naturalmente dando lugar à outras. Nosso humor passou a ser uniforme, ou seja, sem oscilações provocadas por tendências ou estatísticas. É incrível como observamos os padrões que a televisão pode criar nas pessoas e como elas sofrem por isso.

Hoje, quando vemos o monte de entulhos que as pessoas levam para suas casas, o lixo que elas produzem entupindo a Mãe Terra, quando observamos armários abarrotados de mantimentos e roupas, gavetas cheias de remédios, preocupações com modelos de carro, estresses com festas de final de ano, dívidas com mais presentes, crises existenciais, desastres ambientais, disputas por poder, indiferença com os demais e muitas pessoas vivendo na ilusão do mundo material monetarista – vítimas de sofrimentos inexistentes – sentimos compaixão. Oramos para que todos os seres possam voltar a viver um Tempo Natural, harmonizados com os ciclos da Lua, do Sol e das Galáxias e, com mais frequência desligar seus televisores e definitivamente viver uma vida simples e real que lhes faça feliz.





Prefácio

Abrir as mentes, tornar vossos corações fontes inesgotáveis de luz e fraternidade. Ascender o Amor a sua condição de ser, justamente Universal e Incondicional! Viajar com o livro de nossa amiga e irmã Espiritual Gisele, é rumarmos ao outro lado do mundo, de nós mesmos! O encontro de dois universos tão distintos, diferentes em quase tudo, não obstante tenhamos, seres de lá e daqui, cada qual um coração. Há de ser por este, pelo coração, o iniciar desta jornada. Vibrar por nesta vida, novamente ter a oportunidade de caminhar e resgatar, o Mágico e o Místico que há, no universo interior de qualquer um de nós. Falar em especial ao feliz leitor desta obra, cuja honra em prefaciá-la, equipara-se em tamanho, à distância percorrida pela autora, ao longo de tão inspiradora aventura.

Percorrer os caminhos de nosso universo interno, faz-se como a maior e mais primordial das aventuras, e seguramente há de ser a mais desafiadora de todas. Ao iniciarmos tamanha jornada interna, vamos ao encontro de quem somos realmente. Resgatar nossa identidade divina e a natureza do nosso propósito, são lições que hão por serem vividas, aprendidas pela via da experiência prática. A vida; enquanto a maior das jornadas, a busca da verdade e ao resgate Kármico, que são únicos e pertencem de forma singular e particular a cada um de nós.

Sejam bem vindos a esta jornada que passo a passo, página por página, há de conduzir o viajante a percorrer linhas, dotadas de muita naturalidade e inspiração divina. Vivenciar no aqui e agora; a Magia que permeia a vida natural e todas as sincronias a nossa volta. Onde a aventura por caminhar, seja por terras distan-

tes, seja ao vilarejo mais próximo, mostrar-se-á como a fonte e o meio, para um desabrochar da Luz em consciência. Peregrinar é entregar-se ao caminho sem medo, é desafiar, pretensa realidade. Diariamente pela beira da estrada, aquele que por ali caminha, vivencia a vida de forma mais viva e repleta de Magia. Abrir vossa visão, entregar-se e ser de fato, agente e observador.

Jorge Bernardes Jr.
Yoginath Kapalika (Aghori Baba)





Apresentação

Contar em um livro uma viagem de 144 dias pela Índia e Nepal, tem para mim o mesmo sentido que a própria viagem. É uma entrega ao desconhecido para viver cada momento. Assim, considero que construí um daqueles grandes quebra-cabeças, pois o desenho estava ali e as peças, partes ou rabiscos, aqui ou acolá. O trabalho maior ao construir foi fazer com que, para o leitor, ou viajante, o livro parecesse tão belo quanto realmente é a vida, a viagem ou uma paisagem.

Tendo isso claro, ainda a missão maior era mostrar ao leitor que tudo aconteceu no terreno da Magia e que essa é a possibilidade de qualquer dia comum para qualquer pessoa. Mostrar que somente não vivemos na Magia porque Ela nos foi roubada e obscurida há muito Tempo.

O leitor perceberá que fui auxiliada durante a viagem e na construção do livro, para que este abrisse a qualquer um a possibilidade de um Tempo Natural e verdadeiro. O motivo pelo qual, ao passar dos anos e eras, nos distanciamos da Magia e da Verdade, deve ser conhecido. Essa é a essência deste livro.

Quando fui para a Índia, já vivia em um Tempo Natural, ou seja, acompanhava a contagem do Tempo de 13 Luas de 28 dias. Essa maneira de perceber os dias e noites mantém nossa mente harmonizada com os ciclos naturais, abrindo as portas de outras dimensões, desacorrentando-nos da terceira dimensão e, conseqüentemente da materialidade, onde a Magia e a Verdade não têm lugar. Trazendo esta ordem sincrônica para nossas vidas, percebemos que existe um Plano perfeito e a Ele nos entregamos.

Assim é a maneira como me situo no Tempo e também no Espaço. Penso que assim é para todos os habitantes deste Planeta Terra, até que deixamos de estar aqui. Entenda-se “deixar de estar” aos olhos dos que ficam. A retirada ou passagem para a zona desconhecida da viagem, o Espaço e Tempo que não compreendemos e não podemos descrever, intuo que é algo muito leve, sequer temos que nos preocupar com a bagagem. Talvez o único peso importante seja a repercussão de nossos atos, e é melhor que não pesem, pois pelo que sei, irão para a balança da Verdade, onde o contrapeso é uma pena. Dessa viagem, não voltaremos para fazer os relatos, mas ela certamente continuará *pelos séculos dos séculos*.

Bem, ao mostrar onde e quando começou a viagem que virou expedição, faço uma exposição dos movimentos da grande Teia que liga todos os acontecimentos, pessoas, lugares, tropeços, esquinas, pensamentos, sentimentos e ações. Seguramente a expedição não começou no aeroporto, onde com minhas próprias pernas, apesar do frio intenso na barriga, caminhei ao lado de meu companheiro deixando apressadamente meus filhos para trás e, quando me dei conta, estava a bordo de uma geringonça voadora. Assim, em condições arriscadas para um frágil ser humano – eu, meu companheiro e mais de uma centena de pessoas, no silêncio da indiferença, cruzamos pelos céus o oceano Atlântico, deixamos para trás o continente europeu e chegamos à Ásia, lugar do Sol nascente.

No grande continente asiático, banhado pelos oceanos Pacífico e Índico, pude perceber que a Terra do Sol nascente é igualmente a América, ou qualquer lugar onde possamos olhar para o grande astro na alvorada de cada dia. Foi minha derradeira constatação de que a Mãe Terra é realmente redonda – e além de girar, flutua. Também arrisco dizer que o oceano é um só, as divisões e fronteiras são por conta de nossa limitada e cartesiana visão.

Neste livro relato experiências do mundo dos sonhos, do mundo das ilusões e ainda, estados alterados de consciência. Con-

sidero estes relatos importantes para a compreensão do fator invisível que guiou o movimento. Durante o percurso, Mestres e Magos se fizeram presentes de formas variadas e aqui, passarei seus ensinamentos. Alguns desses encontros aconteceram de forma comum, como coisas do dia a dia; outros, aconteceram nas incomuns formas da *noite-a-noite*⁴.

Todo percurso compreende 144 dias (*kims*) de trânsito saindo do Brasil, cruzando pela cidade de Amsterdam na Holanda, seguindo para a Índia e passando por cidades, vales e lugares como Nova Delhi, Haridwar, Rishkesh, Lakxman Joola, Tapovan, Chak Ban, Dharamshala, Bagsu Nag, Dharamkot, Mandi, Manali, Vashisht, Old Manali, Naggar, no vale do Kullu, Lahul Spit, início da região dos Himalayas, Keylong, Leh no Ladakh, Stock, Lamayuru, Kargil no Baltistão, Mulbeck, Srinagar, na Caxemira aos pés dos Himalayas, Jammu, a quarenta quilômetros da fronteira com o Paquistão, Nova Delhi pela segunda vez, Varanasi, Sarnat, Gorakpur, Sonauli, na fronteira com Nepal, onde entramos por Terra e a pé, Kathmandu, Pokhara, Vale de Kathmandu, depois novamente Índia descendo para Agra, a tentativa de chegar a Jaipur e a chegada pela terceira vez na “velha Delhi”⁵. Após este percurso, retornamos ao Brasil.

O roteiro acima é muito rico e nele tivemos muitos ensinamentos. Acatando a sugestão de um Guia, aqui faço o relato até Srinagar, onde a experiência vivida trouxe grande abertura para a aceitação da Magia da vida.

4. *Noite-a-noite* é a minha definição para as experiências que nos fazem sentir um tremor ininterrupto, uma vibração por todo o corpo. Algumas vezes voltamos destas experiências com pequenas marcas no corpo físico para que não esqueçamos que aquilo aconteceu realmente.

5. A expressão “velha Delhi” é uma maneira carinhosa de referir-me à cidade que mais pareceu, devido à época em que chegamos lá pela segunda vez, “a tenda do suor”, com uma temperatura de 47°C. Também me refiro a ela assim, pois na terceira vez em Delhi, me dei conta de como é populosa, particularmente estranha e fácil, mas só na terceira vez.

Após ter tido o encontro com *Agni Yoga*⁶ no vale do Kullu, foi em Srinagar que entendi a missão que cumpro entregando este livro. Perceber as ligações e a presença da guiança⁷ sinalizando a continuidade, foi sempre confortante. Vivenciar a grande Espiral Dourada⁸ e desfazer a ideia de passado, presente e futuro que separa todas as coisas do Sempre e nos faz perder a noção do Tempo Natural, foi possível devido a iniciações que recebi ainda no Brasil quando estive na companhia de um xamã⁹ da Sibéria. Esclareço que todos podem acessar essa compreensão quando estão dispo-

-
6. *Agni Yoga* é a *Yoga* do Fogo, também chamada “O Ensino da Luz.” É uma síntese, um coroamento de todos os ensinamentos anteriores transmitidos. Os livros do ensinamento, com sua envergadura cósmica de pensamento, fornecem verdadeiramente respostas a todas as questões decorrentes dos múltiplos problemas da vida. Além disso, eles tratam a fundo das bases essenciais necessárias à regeneração das consciências. O ensinamento é construído de modo que cada nova etapa permita à consciência abarcar maior amplitude e, assim fazendo, tomar parte integral na vida. Ainda que a *Agni Yoga* indique a direção e o faça com generosas alusões, algumas vezes muito transparentes, jamais força a consciência e deixa total liberdade de decisão ao indivíduo. – Das *Cartas de Helena Roerich*, Vol. I e II.
 7. Guiança é um termo que uso para me referir à ação do invisível em minha vida. É como uma festa surpresa de aniversário, aonde o aniversariante chega, está sendo esperado e tudo está pronto. É só desfrutar.
 8. A Espiral Dourada pode ser observada em todas as manifestações da Natureza. No Ocidente foi descrita matematicamente através da progressão Fibonacci. Platão, em seu *Timaeus* (onde explicou as Harmônicas Universais), considerou a mais coesiva de todas as relações matemáticas e a fez chave da física do Cosmos. Galáxias se manifestam seguindo os ritmos da Espiral Dourada, um botânico a encontra nos padrões de crescimento das flores e plantas, um físico a observa no comportamento da luz e dos átomos, os antigos egípcios a usavam na construção das pirâmides, os ancestrais *Rishis*, sábios videntes dos *Vedas*, purificavam seus corpos, concentravam as mentes e testemunhavam as forças fundamentais da criação. Eles descreveram “espirais, dentro de espirais, de espirais”, assim explicaram a eterna natureza vibratória da energia que expande e retorna ao centro.
 9. O termo xamã vem da palavra *Shamann*, originada no dialeto *tung*, ancestral povo siberiano. Significa aquele que detém os conhecimentos ancestrais, que está em conexão com os Espíritos da Natureza e que pratica com este conhecimento, o cuidado para com o bem-estar da comunidade. Ou ainda, “aquele que vê no escuro”.

tos a aceitar o novo. O novo não é nada do que possamos imaginar; não pode ser acessado pela mente concreta; é apanágio da mente superior; e, fica um pulo acima – só um pulo.

O livro tem quatro capítulos intitutados Casa Leste, Casa Norte, Casa Oeste e Casa Sul. Essas fazem parte das sete direções da cultura galáctica. As outras três direções, Casa Superior, Casa Interior e Fonte Central, são honradas, a pedido, em outro relato. Neste, na Casa Leste, conto o início da viagem para o Oriente e a chegada na Índia. Na Casa Norte, a primeira visão dos picos nevados e as aventuras em Dharamshala – cidade sede do governo tibetano. Na Casa Oeste, a entrada nos Himalayas e, na Casa Sul, a chegada na Caxemira, onde conferimos uma história ignorada por muitos no Ocidente.

A história de que falo é o que não aprendemos sobre Jesus Cristo e que nos faz crescer tão distantes da Paz interior acessada pela proximidade da Natureza Divina.

“Há muitas moradas na Casa de meu Pai.” João, 14:2

Paz

Reencontrando Amigos

A Lua está crescendo, logo estará Cheia, o céu está escuro, muitas nuvens pretas trazidas pelos Corvos convidam ao recolhimento. Tenho tudo o que preciso, tentarei escrever alguma coisa.

Durante a noite, mais um encontro. O grande xamã me visita e explica:

“Muita abundância está à disposição no mundo dos sonhos, breve muitas manifestações ocorrerão, esta será uma distorção do Tempo no Espaço físico. Existe um Espaço limitado para toda essa manifestação e logo tudo terá de chegar ao fim para que a evolução continue. A humanidade não deve apegar-se. Devem permitir que o rio da vida leve tudo de volta para Tengri⁶¹, ou adoecerão. Deixem que o desapego abra Espaço para o novo que chega com o mesmo rio que flui eternamente. Distribuam a riqueza em Paz.”

Ao amanhecer, as montanhas estavam mais brancas. Era lindo perceber que outrora o negro no horizonte trazendo frio, trouxera a possibilidade de tanta beleza e claridade. Uma agitação e conversas no lado de fora de nossa porta nos levaram até a rua para ver o que estava acontecendo. Era nossa amiga venezuelana Priscilla, que chegara acompanhada de um amigo francês. Os dois chegaram até o Kullu seguindo nossos passos – as migalhas de pão do caminho. Na Índia tudo pode acontecer, apesar de ser um grande país e muito populoso, as coisas se desenrolam como em uma cidade interiorana. A família anfitriã não se demorou a preparar mais um cômodo e abrigar os viajantes. Logo estávamos fazendo uma refeição em grande formação familiar. *Dada, mami, didis*⁶² e nós, os estrangeiros. Após nossa refeição, empolgados carregamos nossos amigos montanha acima para partilhar nossas descobertas e por lá passamos mais um dia de contemplações e pesquisas dentro do Memorial.

61. *Tengri* é quem dispara a flecha sobre o Universo e a partir daí toda a manifestação vai se desenrolar até retornar a ele. Do *Livro do Saber do Xamã Siberiano*.

62. *Dada*, pai – *Mami*, mãe – *Didis*, irmãs. Na língua hindi.

Foi um longo dia e esfriou bastante, passei muito frio e a noite já em nosso quarto, novamente entrei no mundo dos sonhos e desta vez, recebi ajuda. Nunca estamos sós! O grande xamã apareceu novamente e incendiou meu corpo. Às três horas da manhã acordo renovada e inicio os rabiscos para este livro que você tem nas mãos.

Começo a Escrever o Livro

Sento-me junto à pequena janela, a madrugada está escura, silenciosa e muito fria, os Corvos que anunciaram as nuvens negras trazendo o frio estão em silêncio. Todos dormem. Lembro que antes de chegarmos no vale do Kullu, ainda em Dharamshala, no final do retiro de meditação e último dia onde fazemos readaptação, voltando a falar, veio em minha direção um moço. Era alto, de cabelos longos e olhos muito diferentes. Ao iniciarmos uma conversa, nas apresentações ele disse que era do Chile, seu nome era Juan e falou-me que desde o primeiro dia, quando me viu antes de iniciarmos o retiro de meditação, sentiu muita afinidade. Era por este motivo que ele veio certo em minha direção e queria me conhecer melhor.

Não sei bem como aconteceu, mas em muito pouco Tempo estávamos falando sobre os xamãs da Sibéria, esta foi a nossa conexão. Ele havia estado com um xamã em seu país, em um período semelhante ao que eu havia conhecido o xamanismo em meu país. Contou-me que em uma viagem xamânica estive nas montanhas do Altay e visualizou *Shamballa*. Disse que na entrada deste lugar estava um homem envolto em Fogo que não parecia ser *Sri Djanan Avatar Muni*, o hierarca de Sírius que está encarnado como o mestre da escola russa que conhecíamos em comum, disse que não sabia quem era e relacionou a um estranho nome. O homem incandescente parecia ser um soberano. Eu que o escutava com atenção e começara a sentir o conhecido formigamento na testa, falei um nome que me veio instantaneamente – Rigden Jyepo. Ele concordou impressionado com minha intervenção e confessou-me que desde que me avistou começou a ter sonhos xamânicos,

sonhos com fundo absolutamente negro. Pediu que eu falasse de minha ligação com os xamãs e confessou que estava todo arrepiado e sentia seu corpo vibrar. Expliquei-lhe que quando um xamã esteve comigo, deixou muitos materiais e alguns livros. Um dos livros era um original em russo do qual aproveitei as ilustrações, outro em inglês e um traduzido para o português intitulado *Livro do Saber do Xamã Siberiano*. Na ocasião em que li o tal livro, tudo me pareceu fantástico e irreal. Este livro falava em Rigden Jyepo como o soberano de *Shamballa*. Disse-lhe também que por algum Tempo fiquei envolvida com estes conhecimentos, mas que pouco antes de minha viagem para a Índia, me desliguei completamente deles, pois o xamã com o qual tive o primeiro contato não mais retornou e ele era o meu elo com o xamanismo siberiano.

Após nossa empolgada conversa, terminamos o encontro combinando para outro momento a continuidade. Precisávamos deixar o Espaço e trilhar pela montanha o caminho de volta para a casa da Vick, já estávamos há doze dias fora.

Caminho Diferente – Lugar Conhecido

Continuando as lembranças e unindo as peças, lembrei-me que larguei tudo para trás quando vim para a Índia. Deixei os objetos de poder que costumava carregar e que me ligavam com o saber siberiano, não dei ouvidos ao xamã que disse-me em sonho que me aguardaria nas montanhas que achei que eram do Altay, na Sibéria, e sequer tinha um roteiro para esta viagem. Somente a intenção de sair para a viagem totalmente aberta ao novo. O único objeto de conhecimento que não deixei para trás, foi o pequeno Sincronário do Tempo de treze Luas, com uma bandeira da Paz, do tamanho de uma unha de dedo mínimo, estampada em um cantinho da folha. Achei que havia mudado de caminho quando iniciei esta viagem ao lado do *Sherpa*, que confiante também se jogou ao novo. Tudo o que estava acontecendo até ali, mostrava que caminhei certa até encontrar, na grande montanha, um homem de origem russa que se recolheu na busca espiritual e que

provavelmente encontrou a entrada para *Shamballa*, de onde agora se comunicava comigo como um xamã faz no mundo dos sonhos.

Após dois meses ou duas Luas viajando pela Índia e aprendendo um pouco de hinduísmo e budismo, encontrava-me aos pés do memorial de Roerich e tinha em minhas mãos alguns livros que ele escreveu. Na capa de um pequeno livro intitulado Maitreya, uma reprodução de uma pintura sua feita em tempera em 1927, com o nome de “Rigden Jyepo, o Regente de *Shamballa*”, me chamou para maiores entendimentos. Ao abrir o livro, na primeira página encontro uma pequena foto de Nicholas Roerich, onde aparece seu rosto com ar severo e barba grisalha, em um fundo muito negro como nos sonhos xamânicos. Logo abaixo da foto está a reprodução do texto retirado do livro *O Coração da Ásia*, dele mesmo, que passo a transcrever:

“...Quando presenteei minha pintura representando Rigden Jyepo, o Regente de Shamballa, ao governo da Mongólia, ela foi aceita com notada emoção. Um membro do governo me disse que eles desejavam construir um templo especial e que esta pintura poderia ocupar o altar central. O membro do governo me disse: – Eu poderia perguntar como você conhecia a visão que nosso mais alto Lama teve há vários meses atrás?

O Lama viu uma grande multidão de pessoas de muitas nações, todos olhavam na direção do Ocidente. No céu apareceu um cavaleiro gigante montado em um cavalo envolto em chamas, com a bandeira de Shamballa nas mãos – era o próprio Rigden Jyepo. Ele pediu que todos se voltassem do Ocidente para o Oriente. E a descrição que o Lama nos deu é exatamente igual a sua pintura.

Estas coincidências como a pintura e também as profecias provocaram-me uma exclamação: – Realmente este é o Tempo de Shamballa!” (Tradução da autora)

As sincronicidades me arrebatarem, senti que estava próxima de uma fonte de conhecimentos ancestrais e límpidos. Senti muita gratidão pela “guidança” e decidi que se soubesse como, escreveria um livro para contar minhas andanças.

O Poder dos Símbolos

Alguns símbolos sagrados estão impregnados de intenção. Ao serem desvelados e usados, estes símbolos revelam ou abrem sua força aos seus usuários. Como a Luz que no momento certo vem à tona, o símbolo tem época certa para ser descoberto, tomar forma e cumprir a função da qual foi impregnado. É provável que o símbolo imantado escolha o seu usuário, ao contrário do que pensa o usuário ao escolhê-lo por afinidade.

A sombra dos Tempos de agora é grande. Paira sobre nossas cabeças a densidade da ignorância de nossa divindade. Alguns símbolos que estão sendo abertos, funcionam como a Lua em uma noite escura. Ela está ali refletindo a Luz para nos guiar ao amanhecer. A intenção maior é que o conhecimento perene da grande Verdade seja iluminado para que possamos unir passado, presente e futuro no Agora. Esta união nos auxilia a percebermos a impermanência de tudo. Este é um dos grandes conhecimentos guardados em *Shamballa*, onde Maitreya, o enviado do futuro, espera desde Tempos remotos pela humanidade.

Em 27 de maio de 2007, *Kin* Mago Ressonante Branco, acordei em mais uma manhã silenciosa no vale do Kullu, decidida a fazer um esforço e lembrar onde foi que tudo começou. Afinal, as sincronicidades eram muitas e os indícios de que continuariam eram claros. Pensei já ter bastante assunto para o livro que, naquela altura, sabia ter de escrever, porém ainda me faltava saber para que, afinal um livro não poderia apenas contar aparentes “coincidências”. Todos estes indícios deveriam ter um objetivo maior e eu ainda não entendia qual. Pensei que se eu conseguisse saber onde tudo começou, teria mais clareza para agir dali para frente.

Observei que tudo poderia ter começado quando nasci ou até mesmo antes deste acontecimento. Fiquei pensando que conhecer o início pode ser o final de tudo e então decidi não forçar um entendimento, resolvi entregar ao Universo e principiei uma meditação. Era cedo e os barulhos do acordar da Terra eram sua-

ves. Com a barriga vazia e os olhos fechados, parei para observar minha respiração. Ao finalizar a meditação, um símbolo veio à minha mente e me lembrei nitidamente de como ele chegou até mim.

Papai acabara de fazer a passagem, estávamos no último trimestre do ano 99. Ao lembrar-me disto, peguei meu pequeno sincronário e fui logo operar a bússola para ver que período ou *Kin* estava pulsando naquele ano de 99. Para minha surpresa havia sido o ano Mago Ressonante Branco, o mesmo *Kin* que pulsava neste dia em que acordara tão determinada a compreender o incompreensível e datar o atemporal. Lembrei-me com distância e humildade que aquele havia sido um período negro, apesar de ser um ano branco e que andei por meses seguidos caminhando no lado escuro à margem do caminho. Em um dia na casa de minha irmã mais velha me deparei com um livro de rituais celtas. Naquela época estávamos Marina e eu, procurando um símbolo para usar em nosso Espaço onde iniciávamos a praticar terapias holísticas. Entre símbolos e descrições de rituais, vi este que me chamou como se pulsasse no papel onde estava grafado.



O símbolo da conexão

Abaixo do símbolo no livro, estava escrita esta frase que tocou definitivamente meu coração – *Corpo, Mente e Espírito, Entrelaçados em Infinito Perfeito.*

O livro informava que o símbolo havia sido encontrado inscrito em uma pedra em meio a escavações, em um sítio arqueológico que estudava ancestrais objetos celtas no Norte europeu. Não hesitei em adotá-lo. Concordamos e começamos a usá-lo. Acha-

mos que se usássemos não estaríamos infringindo nenhuma regra, porém, apesar da beleza do símbolo, decidi não registrá-lo, não sentia qualquer tipo de propriedade sobre ele. Entendi que usaria o símbolo até o momento em que ele quisesse ficar comigo.

A partir daquele dia, da margem do caminho voltei para o centro e, em três anos minha vida estava muito diferente. Nada demorou e os xamãs siberianos vieram até minha casa. Entre os objetos que deixaram comigo, estava um de couro e pelos de Urso, era um tipo de medalhão pendurado em um cordão de couro muito fino. De um lado havia uma imagem de uma espinha de peixe e do outro, um símbolo igual ao que eu havia adotado. O xamã me disse que este amuleto me protegeria e que era uma chave para entrar no mundo dos sonhos. Disse que ao usá-lo estaria com a chave que abre as portas para a quinta dimensão e acrescentou que o objeto era de Sírius.

Contemplando mais um dia no vale do Kullu, que já dava sinais sonoros de acordado, lembrei-me de Ágata e nosso encontro na praia Cabeça de Merlin. O encontro com ela aconteceu no mesmo período em que adotei o símbolo. Lembrei-me de suas palavras dizendo-me que a noite olhasse para o céu na direção das Três Marias e que de Sírius, que está mais abaixo na diagonal, viria muito conhecimento.

Mais Descobertas no Coração da Ásia

Seguíamos olhando e pesquisando nos materiais recentemente adquiridos no museu, Tateávamos todas as pistas que pudessem fazer sentido, acreditávamos que encontraríamos entre tantas informações, a resposta para a questão maior:

– Qual é nossa parte?

Lendo o livro *O Coração da Ásia*, encantada com o que Nicholas Roerich relatou sobre sua expedição, encontrei uma descrição do vale do Kullu e entendi o porquê de ele ter escolhido estabelecer-se ali e também manter suas cinzas naquele belo local, ao invés de serem enviadas para a Rússia, sua Terra natal. Talvez

pelo mesmo motivo, também nós, fomos atraídos para o mágico vale. Ele conta que o lugar é o antigo caminho da Índia Medieval do século VII para o Tibet e que por ali passaram grandes almas, deixando registros de cavernas ocultas, passagens secretas, túneis subterrâneos e muitos ensinamentos. Descreve o lugar como um vale milagroso com registros nas escrituras tibetanas e também conta que por este belo e silencioso lugar, passaram nomes como Issa⁶³, Arjuna⁶⁴, Padmasambhava⁶⁵, e ainda que 363 *Rishis*⁶⁶ são adorados naquele local.

Continuando a leitura, encontro a descrição de Nicholas Roerich sobre o local onde supostamente está o túmulo de Jesus Cristo, entre os muçulmanos, em Srinagar, na Caxemira e, de forma enfática, descreve o intenso e místico cheiro de flores que paira ao redor da sepultura do Filho de Maria. Ele faz também a descrição do sepulcro de uma das Marias que O acompanhou após a crucificação, ao Norte do Ladakh, na vizinha província tibetana de Sinkiang, hoje China. Conta ele também que durante sua expedição, quando passou pelo Ladakh, ouviu muitas lendas sobre a passagem e as pregações de Issa pela região e que no monastério de *Hemis*, próximo a Leh, estão as sagradas tábuas tibetanas com todos os detalhes da jornada de Issa pela Índia, Nepal e Tibet.⁶⁷ Com sua equipe, Roerich encontrou os textos que contam as passagens de Jesus pela Índia no período posterior a adolescência e anterior a sua volta à Palestina para pregar a Boa Nova.

63. Issa é um dos inúmeros nomes árabes de Jesus e assim Ele é citado na Índia.

64. Arjuna é o herói da *Bhagavad Gita*, que recebia orientação direta do Senhor *Krishna*.

65. Padmasambhava pregou as palavras de Buda no século VIII d.C. e levou o ensinamento ao Tibet.

66. Os *Rishis* foram os sábios videntes dos *Vedas* – as escrituras ancestrais.

67. Estas tábuas foram reveladas no Ocidente primeiramente pelo Sr. Notovitch que expedicionou por esta região e escreveu a obra *A Vida Desconhecida de Jesus Cristo*. Do livro *Os anos ocultos de Jesus* - Elizabeth Profheta.

Ao ler estas afirmações e perceber que estava muito próximo de um novo entendimento da Verdade, considerei a possibilidade de ser esta a resposta à minha pergunta. Aí estava o sentido de tanta “guidança”. Há Tempos, ainda jovem, li alguma coisa sobre a possibilidade de Jesus ter estado no Oriente durante seus “anos perdidos” e sobre as provas documentais estarem guardadas por tibetanos, mas jamais imaginei que um dia eu estaria prestes a conhecer esta saga e interagir com estes sagrados locais. Comentei eufórica e espantada com o *Sherpa*, que quis primeiro ler com seus olhos, provavelmente achando que por meu inglês não ser muito bom eu poderia estar entendendo mal.

Após ler ficou espantado, pois, diferente de mim, ele é de família católica e tudo o que aprendera não validava o que estávamos descobrindo. Agora talvez nossa viagem estivesse em um momento muito especial e sentíamos o chamado para conferir toda esta história. Conferimos o mapa da expedição de Roerich e observamos que do Ladakh, poderíamos seguir pelos Himalayas em direção a Srinagar e, com sorte, chegar ao local do túmulo de Jesus Cristo. Se tudo ocorresse bem, pois o percurso é difícil e as passagens pelas gargantas das montanhas chegam a seis mil metros de altitude, com locais rudes, empedrados e muito secos e, se chegássemos à velha Caxemira sãos e salvos, não teríamos mais dúvidas sobre o que fazer.

“Segue-me e deixa que os mortos enterrem seus mortos.” Mateus, 8:22

Seguindo o Mapa até o Túmulo de Jesus

– Nossos amigos partirão para o Ladakh, talvez seja hora de seguirmos também! As estradas já estão abertas e poderemos subir.

– E qual é nosso roteiro? Perguntei.

– Ora, vamos seguir o mapa da expedição de Nicholas Roerich como decidimos e encontrar o túmulo de Jesus Cristo em Srinagar, na Caxemira.

– Este lugar por acaso não fica na fronteira com o Paquistão exatamente onde nosso amigo Ronaldo, ainda no Brasil, antes de nossa partida, advertiu que não fôssemos?

– Sim, mas com tudo o que está clareando a nossa frente e toda a “guidança” que está acontecendo, acho que temos que confiar e seguir viagem. Vamos até o Ladakh com nossa amiga Priscilla e de lá seguiremos você, eu e a “guidança”, as pegadas de Jesus. – encerrou obstinado o *Sherpa*.



Foto de parte do mapa da expedição de Nicholas Roerich de 1929. O mapa está exposto no Memorial do Kullu.

Nas Florestas do Kullu

Ainda tínhamos Tempo até o dia combinado para sairmos do mágico vale do Kullu e resolvemos passear pelas florestas. Nesta região, beirando as montanhas mais altas do lugar, a vegetação é muito abundante. São muitas encostas de montanhas, cachoeiras, vales e rios. Subimos e descemos em longa caminhada, encontrando lugares curiosos como a caverna de *Plori Bába*, um autêntico *naljorpa*⁶⁸.

Em um lugar no meio da floresta, nos deparamos com este solitário *bába*. Ele habitava uma caverna transformada em um rústico templo de pedra. Era um lugar impressionante principalmente pela solidão. Tinha aspecto muito ancestral. No centro da caverna, em frente a um altar com uma lamparina de manteiga acesa, flores frescas e uma imagem de *Shiva*, estava no chão um pequeno buraco com mais ou menos trinta centímetros de diâmetro. O buraco tinha a aparência de um pequeno poço. A Água fluía e tinha um suave movimento, era como se na pequena abertura perfeitamente redonda na pedra, houvesse uma passagem para um poço maior que provavelmente passava por baixo da caverna. Fomos informados que a Água era sagrada. O homem solitário, com um gesto de permissão, convidou-nos a entrar e nos ofereceu a Água para tomarmos. Ele falou um pouco com o jovem indiano que nos acompanhou até lá para traduzir o que precisássemos e disse que a partir daquele momento, após termos bebido confiantes a sagrada Água, teríamos proteção para andar pelas montanhas e passar pelos altíssimos passes quando seguíssemos viagem. Após este breve contato, o homem retornou ao seu silêncio como se não estivéssemos ali.

No caminho de volta para nossa saudosa casinha, passamos por um templo dedicado a Krishna construído no meio da floresta por volta do século VII. Nada mudara desde o ano 800 d.C, apenas uma pequena multidão se aglomerava em volta de um homem com vestes coloridas e grandes argolas nas orelhas. Era um velho

68. *Naljorpa* literalmente é aquele que alcançou a perfeita serenidade. Comumente chamado de asceta, possuidor de poderes ou super-habilidades.

krully, tipo de xamã tântrico, curandeiro. Segundo nosso intérprete, ele estava fazendo um exorcismo. (Foto16)

Passamos por aquele local e, ao observar de longe o que acontecia, fiquei intrigada. Pensei que ao longo dos Tempos, os relatos de acontecimentos sobrenaturais somam-se a todo o tipo de comentário e entendimento. De tudo o que eu presenciara até aquele momento, agora me questionava sobre realidade e ilusão. A noite chegou e mais um encontro no mundo dos sonhos aconteceu.

Realidade Invisível

“Vou esclarecer para você algumas coisas que estão se apresentando. Um exemplo de realidade física a ser compreendido pela mente física de uma maneira não-física é o da colher. Digo que a colher não existe, seguro a colher com minha mão, sinto o metal gelado da colher, estou vendo a colher, joga-a no chão e ao bater no chão, ela produz um barulho. Mas a colher não existe. Como? Estou experimentando a colher com meus sentidos físicos, estou no mundo das reações, portanto não estou acessando a realidade invisível do mundo paralelo das partículas subatômicas.

A humanidade chegou a um ponto do materialismo que não consegue conceber a realidade invisível. Pode até aceitar as publicações científicas de que a menor partícula é vazia e não está ali o Tempo todo, mas fica tudo no plano intelectual. Na realidade física, limitam-se aos sentidos físicos de percepção e deixam para lá a existência imortal, multidimensional e indivisível. Vocês deixam para lá o vosso poder criador, deixam para lá Deus, só isso. Por esta medíocre condição, os humanos sofrem esperando que algo mude e traga a tal da felicidade e, enquanto isso não é alcançado, esperançosos vão se enganando e, ansiosos tomam todos os tipos de remédios para aliviar os sintomas de causa óbvia. Falta de conhecimento primário e Fé!

Não é necessário atravessar paredes para comprovar que a sólida parede é nada. Este poder, esta habilidade, só os levaria ao outro cômodo e, para fazer isso, podem facilmente usar a porta. Estão em um ponto onde precisam conhecer. Seus esforços devem ser direcionados

para compreender o não visível. Criam o presente no futuro. Precisam saber que o presente é a manifestação do que criam no futuro com a crença em seus pensamentos. Os pensamentos são a substância da mente, é preciso cuidado com os pensamentos, pois a mente tem o poder criador.

É importante que compreendam o passado, como consequência do presente. Sabemos ser esta uma sentença difícil de perceber, porém é um trabalho de deslocar o ponto. Veja, quando o seu, o vosso e o de sempre professor de história entrou na sala de aula, naturalmente pela porta como a única possibilidade e, ao iniciar a aula, pegou uma barra de giz e no quadro negro traçou a clássica linha horizontal do Tempo, colocando no meio aquele “tracinho” com o advento do nascimento de Cristo e, para a esquerda foi enumerando os eventos a.C., e para a direita os eventos d.C.; quem foi realmente crucificado ali, no meio da reta traçada, foi o aluno. Sim, vocês! Crucificados e condenados a compreenderem o Tempo de uma maneira linear. A humanidade foi enquadrada no Espaço tridimensional do quadro negro. Ao aceitarem esta explanação espacial do Tempo, aceitaram a morte como uma limitação à vida, aceitaram a “mortalidade”. Só a Deus passou a pertencer a almejada eternidade. Ficaram diferentes do Criador! Daí, desta diferença estabelecida por um equívoco, resolveram criar seus próprios objetos inanimados. Criaram tantos entulhos no mundo das ilusões, que comprometeram a vida real. Todo o laboratório vivo está ameaçado pela maneira equivocada de entenderem o Tempo! Estão perdendo a Magia.”

Quando temos uma conexão focada, mantendo-nos no caminho do coração, conseguimos com a meditação acessar um Espaço vazio em nós, é um Espaço silencioso que está dentro. É o plano mental como um céu azul sem nuvens, onde as nuvens são os pensamentos que surgem e passam constantemente, mas o céu continua lá. Neste Espaço, Éter ou *Akasha*, a ilusão da realidade física se abre à nossa percepção. Acessamos o Tempo quadridimensional e deste ponto, saltamos para nossa multidimensionalidade. Compreendendo esta realidade, saímos da ilusão da morte. Tudo o que é Verdadeiro não morre. O “Presente” é o momento onde

não mais repetimos o velho, soltamos tudo e sentimo-nos livres. Livres para voar. E o medo se esvai.

Um Culto Pelas Irmãs no Templo de Shiva

No outro dia fui procurada em meu quarto no final da tarde pelas irmãs da casa, as *didis* Nitú, Reena e mais algumas amigas que me convidaram para acompanhá-las até o templo de *Shiva*. Teríamos um momento especial. Sem demora coloquei o xale tapando minha cabeça como faziam minhas novas amigas e caminhamos tranquilas até a frente do templo. Do alto da rua, descendo lentamente e vindo em direção ao templo, avistei uma senhora muito idosa com as costas curvadas apoiada em um cajado, carregando um pesado molho de chaves. As meninas me explicaram que a pessoa mais idosa da comunidade é responsável pelos *pujas* diários feitos no templo e que é ela também quem deve manter o templo fechado e cuidado. A velha senhora tinha a aparência descrita pelas minhas amigas videntes do Brasil.

...uma mulher velha de roupa estampada talvez com flores e muito colorida, com um lenço azul na cabeça, segurava um tipo de cajado que batia no chão e falava algo em outra língua. (Foto 17)

A noite estava belíssima e a Lua quase Cheia aparecia por trás da cúpula do templo. A anciã chegou a pequenas passadas e o templo foi aberto. A visão já não me espantava, estava totalmente entregue à Magia. Após todos os ritos se cumprirem, minhas irmãs iniciaram a cantar. Foi um momento muito sagrado. Até então eu não tinha participado de um *puja* como este. Recebemos arroz e coco com açúcar e nossa testa foi marcada entre as sobrancelhas com pó vermelho. Quando a velha senhora esfregou seu polegar em minha testa entre os olhos e falou um tipo de reza em sua língua nativa, senti todo o meu corpo vibrar. A canção que minhas amigas indianas entoaram eu só tinha escutado até aquele momento em cd de *mantras*. Foi emocionante, não pude conter as lágrimas.

Éramos poucas pessoas reunidas ali e tão somente mulheres. Ao terminarmos o ritual, o templo foi fechado e a velha senhora se foi lentamente morro acima, deixando-nos ao sabor do mais absoluto silêncio. Tinha a sensação de que o Tempo não fazia mais diferença, estava com meu corpo vibrando e minha respiração me ligava como uma “fumacinha” cinza clara, com as outras mulheres. Tudo ao redor de nós estava envolvido por aquela suave, viva e brilhante névoa. Após algum Tempo, Nitu tocou-me no ombro com suavidade, deu-me de presente um incenso usado nestes rituais, feito ali na região, e explicou que havíamos orado pela saúde de todas as irmãs. Disse-me que a velha senhora em sua reza pediu força para que meu coração se abrisse para a aceitação da vontade divina.

Lembrei-me que naquele instante no Brasil, minha irmã caçula iniciava sua luta para sobreviver...

Om Namah Shivaya!

Deixando o Kullu

No outro dia, após uma noite de sono profundo, antes de partirmos para dar início à expedição até Srinagar, subimos mais uma vez a montanha com a intenção de desfrutar do belíssimo e perfumado local onde está o *Samadhi* de Nicholas Roerich. É um excelente local para se estar em silêncio. Quando estava lá, sentia o Tempo subir e girar. Naquele local ficamos por instantes que não tinham fim, tampouco início, uma agradável energia pairava e me levava para cima. Não sei como o sentimento de ter que ir embora daquele local foi captado pela minha mente e desencadeou o movimento que nos tirou de lá para darmos continuidade às recentes diretrizes. Passaria o resto de minha vida naquele lugar. (Foto 18)

Após treze dias especiais no encantado vale do Kullu, ou *Kulluta*, como os nativos o chamam, nos despedimos da família hindu que nos recebeu com excelência. Com as mochilas agora mais pesadas, carregadas com os livros que adquirimos e as reproduções de algumas telas, seguimos para Manali onde pegaríamos o

ônibus que nos levou pelo vale Lahul Spit até Keylong, uma parada a caminho de Leh, no Ladakh.

Agora sim, tínhamos um grande objetivo...

...Ir até o túmulo de Jesus Cristo em Srinagar.

